

MARÉ DE NOTÍCIAS

DOUGLAS LOPES



Uma nova onda

Jovens da Maré aderem ao *Longboard* e, de quebra, promovem ações de lazer, esporte e cultura – até nas escolas da região. O Coletivo Maré Longboard já tem até sede própria.

PÁGINA 3

Sarampo: o remédio é vacinar

PÁGINAS 4 E 5

Empreendedores inovam montando seu próprio negócio

PÁGINAS 10 E 11

Matheus de Araújo, “cria” da Maré, lança livro e faz sucesso na FLIP

PÁGINA 14

Fique por dentro da sua Associação de Moradores

PÁGINA 16

DOUGLAS LOPES



Mau estado de conservação das passarelas preocupa

Ferros soltos, buracos no meio, estruturas que balançam, falta de iluminação e de rampas de acesso para os que necessitam: esses são alguns dos problemas das passarelas que servem à Maré. **PÁGINAS 6 E 7**

Mobilidade Urbana

Pouquíssimas linhas de ônibus aliadas às negativas de taxistas e motoristas de aplicativos de entrarem na favela fazem com que os moradores da Maré tenham sérios problemas de deslocamento dentro e fora do seu território.

PÁGINAS 8 E 9



DOUGLAS LOPES

EDITORIAL

Somos da Maré, com muito orgulho!

No dia 20 de agosto, mais uma vez, a vida dos moradores da Maré foi impactada por uma desastrosa operação policial, marcada por ilegalidades, violações de direitos, homicídio, terror e atos de crueldade. Tivemos, outra vez (já foram tantas!), nosso direito de ir e vir cerceado e nossas vidas e sossego impactados. Nossas crianças não foram à escola, nossos doentes não puderam ir ao médico, nossos trabalhadores não tiveram o sagrado direito de ganhar o pão daquele e de outros dias, nosso comércio fechou. Não nos calaremos. Resistir é preciso!

A Redes da Maré acionou a Defensoria Pública do Estado e outras organizações, e os descabros estão sendo denunciados para que providências sejam tomadas e garantam que tais violações não voltem a acontecer. Também publicamos matérias sobre o que estava acontecendo em nosso território. Importantes colunistas e veículos de imprensa reproduziram nossas denúncias. O Brasil ficou sabendo dos percalços que passamos (mais detalhes na matéria *Mais um dia de medo e tensão na Maré*, na página 12).

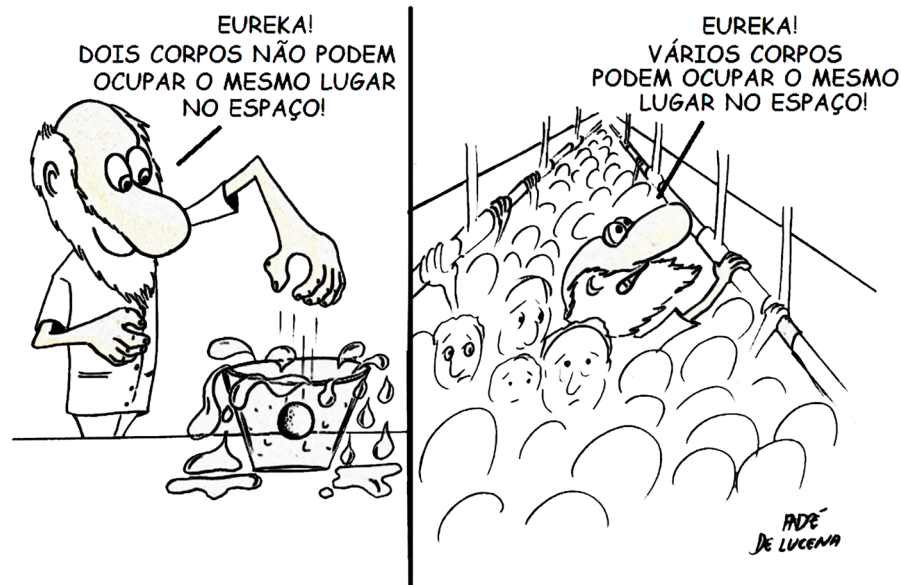
Mas nem toda essa truculência é capaz de apagar o nosso sorriso, a nossa criatividade, o nosso talento. E é isso que mostramos nesta Edição: jovens, cheios de atitude e frescor, adotaram o *Longboard* como forma de esporte, lazer e também de interação e cultura. Confira, lendo a matéria *Maré Longboard, um estilo de vida* (pág. 3).




Outra mostra do que realmente somos é o sucesso que o escritor e poeta Matheus de Araújo, de 20 anos, vem fazendo. Afinal, quantos rapazes de sua idade, quantos escritores deste País são convidados para a FLIP – o mais renomado evento literário do Brasil e um dos mais importantes do mundo? Não tem como não ficarmos profundamente orgulhosos de seu talento e de suas conquistas.

E tem muito mais nessa Edição. Nela, contamos um pouquinho da história de nossos empreendedores; de nossas mulheres lésbicas e suas histórias de resistência; e de como nos prevenirmos de uma possível epidemia de Sarampo. Também falamos de nossos problemas: é preciso, é necessário denunciá-los e cobrarmos uma solução: nosso direito de ir e vir também é negado quando não temos transporte suficientes e eficientes e passarelas caindo aos pedaços.

Enfim, o Maré de Notícias vem mostrar o que todos já sabemos: o morador da Maré é inovador, é forte, é alegre, é original – e nem os equívocos (para usarmos uma palavra elegante) das Forças de Segurança nem os preconceitos contra os favelados tirarão de nós o orgulho de pertencer a uma das comunidades mais potentes deste País. Somos Maré! Somos muitos! E somos demais!

HUMOR - DESCOBERTAS CIENTÍFICAS

Siga a **redes da maré** nas Redes Sociais

-  www.facebook.com/redesdamare
-  www.instagram.com/redesdamare
-  www.twitter.com/redesdamare

e fique por dentro das novidades!

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

act:ona id

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Eliana Sousa Silva
Edson Diniz Nóbrega Júnior
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

COORDENADORA DE COMUNICAÇÃO
Daniele Moura
(Mtb - 24422 /RJ)

EDITORA EXECUTIVA E JORNALISTA RESPONSÁVEL
Eliane Salles
(Mtb 17026/RJ)

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO
Hélio Euclides
(Mtb 29919/RJ)
Maria Morganti
(Mtb - 39043/RJ)

FOTÓGRAFOS
Douglas Lopes
Jéssica Pires

REVISORA:
Elizete Munhoz

PROJETO GRÁFICO
Mórua_Oficina de ideias

DIAGRAMAÇÃO
Filipe Almeida

IMPRESSÃO
Folha Dirigida

TIRAGEM
50 mil exemplares

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

GARANTA O SEU JORNAL!

O MARÉ DE NOTÍCIAS chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o Jornal no nosso site: www.redesdamare.org.br/mareonline

 /redesdamare

 /redesdamare

 @redesdamare

Maré Longboard, um estilo de vida

A história do coletivo que integra e multiplica esporte, mobilidade e cultura

MARIA MORGANTI

Um grupo de amigos começou a se reunir nas ruas da Nova Holanda por causa da paixão em comum pelo *skate*. Se reunir e dar rolés. Muitos, vários, por todos os cantos da cidade. Da repetição desses encontros – e desses rolés – nasceu, em 2014, o coletivo Maré Longboard. “Nasceu em frente a essa instituição (a Redes da Maré). A gente parava aqui pra conversar, fazer debates. Todos os integrantes são “crias” da Maré, somam desde sempre, moram aqui”, lembra **Diego Reis**, o DG, de 21 anos, e um dos 10 integrantes do coletivo.

O estouro do Longboard

Além de Diego, **Allan Santos**, de 21 anos e **Marvin Pereira**, de 24, já andavam de *skate* da favela para Madureira “todo domingo”; davam rolés pelas praia de Copacabana, na Zona Sul, mas, segundo eles, o boom de *skates* aconteceu quando a Maré foi ocupada pelo Exército entre abril de 2014 e junho de 2015. “Eu sempre via nosso grupo andando junto, ia pra Madureira todo domingo. A galera via e queria fazer parte disso. Quando teve a ocupação do Exército, em que as motos pararam de circular, começaram a tomar como opção as bicicletas e o Longboard”, conta Allan.

Assim como a ocupação do Exército, o fechamento da Avenida Brasil para as obras do BRT Transbrasil, no início de 2015, é considerado pelos integrantes outro marco na história do Maré Longboard. “Foi lindo. Rolou tudo, churrasco, todos os esportes, rolimã, patins, bambolê, pique e pega...”, conta

Marvin, o mais velho do grupo e um dos primeiros do coletivo a começar a andar de *skate*. “Ali, a gente pôde ver que a questão não é que a galera não goste de fazer esporte, que a galera é sedentária. É que, realmente, não tem um espaço para desenvolver aquilo ali. Quando teve o espaço disponível, a galera fez coisa pra caramba”, comenta Allan.

“Minha mãe quebrou três skates meus”

“Bem no início, a minha mãe achava coisa de doido”, conta, rindo, DG. Até que ele começou a ganhar campeonatos. Em um deles, voltou para casa com uma caixa de Guaravita. “Eu saía e voltava com alguma coisa ou com alguma parada que demonstrasse felicidade e ela foi agarrando, foi agarrando, e hoje em dia super apoia”. A desaprovação dos pais rendeu três *skates* quebrados, de diversas maneiras.

Entre um rolé e outro para fora da favela, e alguns tombos também, confessa Marvin mostrando as cicatrizes, o grupo pensou: “por que não fazer algo dentro da própria favela? A gente começou a pensar como podia atuar dentro da nossa favela. Já que a gente estava saindo muito, buscando os rolés de Zona Sul, buscando os rolés de Madureira. Pô, mas a gente só vai pra Madureira, só vai pra Zona Sul? Vamos fazer alguma coisa aqui dentro, para as crianças, vamos fazer um evento na Maré”, relata DG.

De lá pra cá, o grupo já realizou, por meio de parcerias, cinco eventos beneficentes. Um dia não só com o *skate*, mas reunindo, nas ruas da favela, grafite, batalha de MCs, apresentação de Slam (espécie de declamação de poesias). Uma edição chegou a contar com a apresentação de nomes da música, como o Ghetto Zn e MV Bill. Agora, estão na produção do sexto, previsto para acontecer no Dia das Crianças, 12 de outubro.

Maré Longboard nas escolas

No momento, o coletivo vive em processo de solidificação e estruturação. O programa mais atual é o “Maré Longboard nas Escolas”, que duas vezes por

semana oferece aulas teóricas e práticas, de 1 hora, sobre temas, como equilíbrio, estratégia para evitar quedas de risco e entendimento de consciência corporal, na Escola Municipal Bahia. Segundo DG, a ideia é atender a todas as escolas da região da Maré, ficando dois meses em cada. “O nosso objetivo geral sempre foi tentar trazer oficinas e incentivar a juventude, crianças e adolescentes, no setor desse esporte Longboard e mostrar que ele pode ser usado como objeto de transporte, socialização e mobilização”.

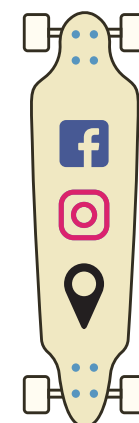
Reconhecimento do trabalho

As demonstrações do reconhecimento desse trabalho de quatro anos do coletivo Maré Longboard vêm dando frutos. O grupo foi selecionado no programa *Active Citizens*, uma parceria da Redes da Maré com o Consulado Britânico, para desenvolver projetos na Maré. Eles também receberam a doação de um imóvel, feita por um morador da própria comunidade, que é usado pelo grupo como escritório. Aberto ao público, o escritório disponibiliza livros, filmes, brinquedos e jogos como dama e dominó. Sobre o futuro do Maré Longboard, DG deixa em aberto: “eu não sei onde a gente vai chegar, o céu é o limite”.

COMO PARTICIPAR DO MARÉ LONGBOARD:

Se identificou com os valores do Maré Longboard? Quer interagir com o que eles fazem? Chegar junto para somar?

Entre em contato pelas redes sociais ou chegue no escritório:



@MLongboard

@marelongboard

Rua Almirante Tamandaré, nº 48, fundos, Nova Holanda.

DOUGLAS LOPES



Coletivo tem escritório com livros, filmes e jogos para a comunidade

Sarampo: prevenir para não remediar

Erradicada no Brasil desde 2015, vírus volta a ser motivo de preocupação

HÉLIO EUCLIDES

Os casos recentes de Sarampo no País reacenderam o alerta sobre a doença. Muito comum entre crianças brasileiras, o Sarampo tinha desaparecido do Brasil. O último caso relatado da doença tinha ocorrido no Ceará, em julho de 2015. Este ano, porém, foram novamente registrados casos da doença. A Secretaria Municipal de Saúde reforça a orientação de que a vacina é a única forma de prevenção ao Sarampo. “Não é recomendado deixar de vacinar uma criança. É a saúde dela que está em jogo”, enfatiza **Kelly Alves**, mãe de um menino de quatro anos.

O dia D da vacinação foi em 18 de agosto, com uma boa adesão na Maré. Só na Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva, na Nova Holanda, foram vacinadas cerca de 700 crianças. “As carteirinhas de vacinação dos meus três filhos estão em dia, nenhum deles teve Sarampo. A vacina é uma proteção, não só para a família, mas para a vizinhança. Agora se fala do Sarampo, mas são várias doenças existentes, e precisa estar com as vacinas atualizadas”, destaca **Andrea Vieira**, mãe de dois meninos, um de três anos e outro de quatro anos, e de uma menina de seis meses.

Unidades de Saúde da Maré possuem a vacina

Otto Faber Júnior, médico da equipe técnica do Serviço de Vigilância em Saúde do Centro Municipal de Saúde Américo Veloso, da Praia de Ramos, diz que apesar de não existir casos na Maré, não se pode deixar de aplicar a vacina Tríplice Viral, que protege de três doenças: Sarampo, caxumba e rubéola. “Essa



Mãe e filho se vacinam na Clínica da Família Jeremias Moraes da Silva. Adultos até 49 anos, que não foram vacinados anteriormente, devem se vacinar

proteção está disponível, conforme calendário de vacinação, para crianças aos 12 e aos 15 meses. É importante destacar que a vacina contra o Sarampo, para adultos até 49 anos, é direcionada às pessoas que não foram vacinadas anteriormente. Quem já tiver esquema completo, não precisa se vacinar novamente”, explica o médico.

Quem necessitar de mais informações deve procurar uma Unidade de Saúde, levando a caderneta de vacinas para avaliação. “A vacinação acontece de segunda a sexta, das 8 às 17h, nas Unidades de Atenção Primária da Maré: as Clínicas da Família Diniz Batista dos Santos, Adib Janete, Augusto Boal e Jeremias Moraes da Silva e os Centros Municipais de Saúde Vila do João, Américo Veloso e João Cândido”, esclarece Dr. Otto. A convocação acontece para crianças até quatro anos, 11 meses e 29 dias.

As contraindicações para

as duas vacinas, Tríplice Viral e Tetra Viral, são: hipersensibilidade grave conhecida a algum componente do insumo, imunodeficiência, pessoas com HIV e quem tenha história de evento adverso grave em dose anterior da vacina. E também levar a Caderneta de Vacinação! Em caso de dúvidas, os pais ou responsáveis poderão pedir orientação ao profissional na Unidade de Saúde.

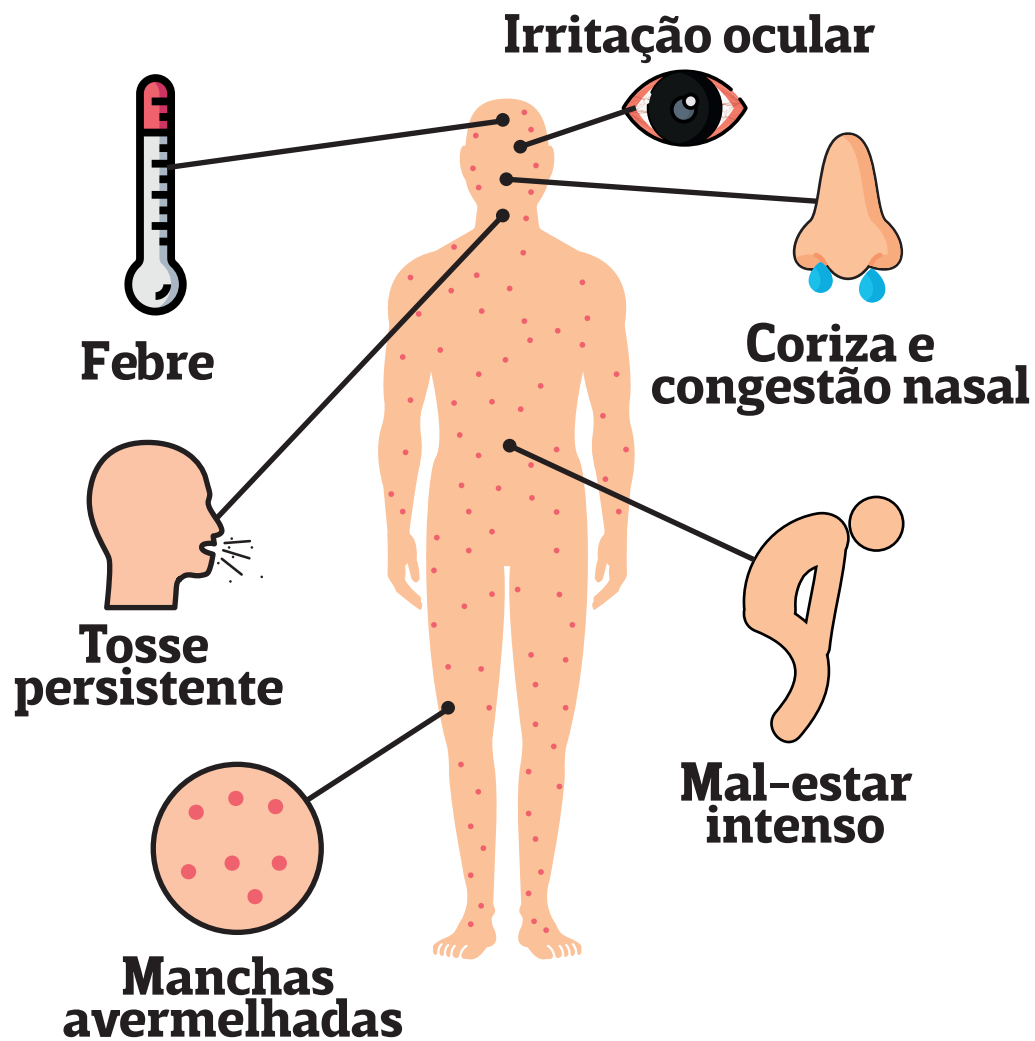
Os sintomas

Segundo o Instituto de Tecnologia em Imunobiológicos (Bio-Manguinhos), os sintomas iniciais apresentados pelo doente são: febre, acompanhada de tosse persistente, irritação ocular, coriza e congestão nasal e mal-estar intenso. Após estes sintomas, há o aparecimento de manchas avermelhadas no rosto, que progridem em direção aos pés, com duração mínima de três dias. São comuns lesões muito dolorosas

na boca. O acolhimento aos casos suspeitos é feito em todas as Unidades de Atenção Primária, que estão habilitadas para acolher e avaliar os usuários com suspeita de Sarampo. As Unidades farão os encaminhamentos necessários, considerando os fluxos estabelecidos pela Secretaria de Saúde.

É importante realçar que o Sarampo não se apresenta apenas por meio de pintas vermelhas pelo corpo. A doença pode trazer complicações como otite (infecção no ouvido), que pode levar à surdez; conjuntivite grave com ulceração da córnea, sendo possível acontecer perda da visão. Alguns casos podem vir com infecções secundárias como pneumonia, podendo levar à morte. A vacinação é muito importante, pois fornece ao corpo o vírus inativo, para que o sistema imunológico crie os anticorpos necessários para combater ou evitar a doença.

SINTOMAS DO SARAMPO



e outras doenças causadas pelo Pneumococo Rotavírus (atenuada)
EVITA: Diarreia por Rotavírus

5 meses

Meningocócica C (inativada)
EVITA: Doença invasiva causada por *Neisseria meningitidis* do grupo C

6 meses

Pentavalente - DTP/Hep B/Hib (inativada)
EVITA: Difteria, Tétano, Coqueluche, Hepatite B, Meningite e outras infecções por *Haemophilus influenzae b* Poliomielite (VIP) (inativada)
EVITA: Poliomielite ou Paralisia Infantil

9 meses

Febre Amarela (atenuada)

12 meses

Tríplice viral (atenuada)
EVITA: Sarampo, Caxumba e Rubéola
Pneumocócica 10 valente (inativada)
EVITA: Pneumonia, Otite, Meningite e outras doenças causadas pelo pneumococo Meningocócica C (inativada)
EVITA: *Neisseria meningitidis* do grupo C

15 meses

Tetra Viral (atenuada)
EVITA: Sarampo, Caxumba, Rubéola e Varicela
Hepatite A (inativada)
EVITA: Hepatite A
Tríplice bacteriana - DTP (inativada)
EVITA: Difteria, Tétano e Coqueluche
Poliomielite (VOPb) (atenuada)
EVITA: Poliomielite ou Paralisia Infantil

4 anos

Tríplice bacteriana - DTP (inativada)
EVITA: Difteria, Tétano e Coqueluche
Varicela (atenuada)
Poliomielite oral (VOPb) (atenuada)
EVITA: Poliomielite ou Paralisia Infantil

9 anos

HPV quadrivalente (inativada)
EVITA: Câncer de cólo de útero

CARTEIRA DE VACINAÇÃO

A carteira de vacinação de seu filho está em dia? Vá ao posto de saúde ou clínica da família e confira. E não se esqueça de que algumas vacinas necessitam de mais de uma dose para serem eficientes.

Ao nascer

BCG (atenuada)
EVITA: Formas graves da Tuberculose
Hepatite B (recombinante)
EVITA: Hepatite B (dose inicial até 30 dias de vida)

2 meses

Pentavalente - DTP/Hep B/Hib (inativada)
EVITA: Difteria, Tétano, Coqueluche, Hepatite B, Meningite e outras infecções por *Haemophilus influenzae b* Poliomielite
EVITA: Poliomielite ou Paralisia In-

fantil
Pneumocócica 10 valente
EVITA: Pneumonia, Otite, Meningite e outras
Rotavírus (atenuada)
EVITA: Diarreia por Rotavírus

3 meses

Meningocócica C (inativada)
EVITA: Doença invasiva causada por *Neisseria meningitidis* do grupo C

4 meses

Pentavalente - DTP/Hep B/Hib (inativada)
EVITA: Difteria, Tétano, Coqueluche, Hepatite B, Meningite e outras infecções por *Haemophilus influenzae b* Poliomielite (VIP) (inativada)
EVITA: Poliomielite ou Paralisia Infantil (2a dose até 4 anos, 11 meses e 29 dias)
Pneumocócica 10 valente (inativada)
EVITA: Pneumonia, Otite, Meningite

Um provisório que se tornou permanente

Pedestres sofrem ao trafegar por passarelas feitas de metal e madeira



DOUGLAS LOPES

Com estrutura de andaime e pisos de borracha, Passarela 10 (assim como outras) traz medo e insegurança aos moradores. Falta de iluminação é outro problema apontado

HÉLIO EUCLIDES

A Maré é atendida por 14 passarelas, que são utilizadas pelos moradores todos os dias. Dessas 14, dez estão localizadas na Avenida Brasil, duas na Linha Amarela e outras duas na Avenida Brigadeiro Trompowski. As maiores críticas são dirigidas a seis, que ficam onde serão construídas as estações do BRT Transbrasil. As passarelas fixas foram substituídas pelas feitas de andaimes, madeiras e piso de borracha. O que surpreende é que nem as de cimento escapam das reclamações, como é o caso da Passarela 9, com arames soltos, e a do BRT Transcarioca, que liga a Clínica da Família Diniz Batista dos Santos ao Parque União. Nesta, há um buraco no piso.

Durante uma semana, a equipe do Jornal Maré de Notícias fez um *tour* pelas passarelas em torno da favela. E presenciou inúmeras dificuldades e diversas queixas de pedestres. A mais antiga das

passarelas de tubos metálicos fica próxima ao Conjunto Esperança, na Avenida Brasil, e foi feita após a mudança de local do ponto de ônibus. “Já presenciei uma moça ajudando um senhor a subir muitas escadas dessa passarela. Ela ainda é estreita (alguns pontos com apenas 1,30 m). Quando será feita uma passarela de cimento? E olha que é bem em frente ao Instituto Oswaldo Cruz! Quando pisamos, o piso afunda, como se as madeiras estivessem ruins”, argumenta **Sara Alves**, moradora da Vila do João.

Para **Antonio Jorge**, morador da Vila do Pinheiro, o caso é vergonhoso. “Essa do Conjunto Esperança não tem proteção para se segurar, uma criança pode cair. Ela tem degraus e é alta, é um sacrifício para mim, que tive *chikungunya*”, explica. Sara entende que tudo começou quando mudaram o ponto de ônibus, na pista de subida da via, que abordamos no Maré

de Notícias, na Edição 27, em julho de 2012. Essa mudança aflige a todos. “É um caminho estreito e sem manutenção, furtaram as grades de proteção e não foram recolocadas, estamos abandonados”, revela.

Por várias vezes, o Jornal abordou esse tema tão preocupante para a população. O Maré de Notícias, na Edição 51, em março de 2014, trazia a passarela próxima ao Conjunto Esperança como tema. A pergunta que não teve resposta era: com quantas tábuas se faz uma passarela? No mesmo ano, o Sindicato dos Funcionários da Fiocruz (ASFOC) colocou faixas de protesto na via e protocolou Ofício na Prefeitura do Rio, solicitando providências e um retorno formal sobre a previsão para a construção de uma passarela definitiva, ligando os dois lados da Avenida Brasil. Neste documento, a ASFOC ressaltava o risco a que a população e os

trabalhadores são submetidos diariamente. Até hoje, não houve desdobramento do Ofício. **Pedro dos Santos**, presidente da Associação de Moradores do Conjunto Esperança, espera, pelo menos, por manutenções mais eficientes. “Aguardamos, com urgência, a reforma da passarela de madeira”, resume.

Seis passarelas de andaimes em nossas vidas

Para **Charles Gonçalves**, presidente da Associação de Moradores da Baixa do Sapateiro, a situação já passou do limite. “Elas não são plausíveis, pois apesar de serem provisórias, já estão há muito tempo, não é normal essa estrutura há mais de três anos”, reclama. **Jorge Rodrigues**, morador da Baixa do Sapateiro tem a mesma opinião. “Nós que pagamos o aluguel para manter essas estruturas metálicas. A Prefeitura ainda fala que está sem dinheiro. Os gastos com esses andaimes

poderiam ser revertidos para fazer as definitivas”, declara.

Para os mototaxistas que trabalham perto da Passarela 8, é tudo um absurdo. “Isso é passarela? Para mim é uma estrutura montada, tipo andaime, só para enganar o povo”, supõe **Emilio Souza**. Outro profissional das duas rodas conta algo gravíssimo: “já vi gente arrancar ferros, é um risco de acidente grave. A sorte é que devolveram e um morador colocou no lugar”, denuncia **Roberto Luís**. Para **Carlos Antônio**, vendedor ambulante, é puro descaso. “Além de não ser limpa, empoça bastante água, chegando ao tornozelo. O pessoal da Prefeitura vem e faz algo para enganar. Já sumiram com duas das quatro estruturas de sustentação da laje da antiga passarela, a sorte é que foi repostas”, detalha.

Na Passarela 12, os mesmos problemas. “Eu e minha filha já escorregamos, pois o tapete já não está antiderrapante. Tem madeira aparecendo, não tem segurança para o pedestre, é uma bagunça fora do normal”, revela **Cristiano Reis**, presidente da Associação de Moradores da Roquete Pinto e Praia de Ramos.

As Passarelas 10 e 11 também são metálicas. “Quando pisamos, as madeiras estão

rangendo e os pregos estão saindo e ficam prendendo no sapato”, confessa **Sebastião Fernandes**, motorista de ônibus. **Mateus Francisco**, morador da Roquete Pinto tenta entender o descaso: “é isso que oferecem para o povo, e o pior que desejam que nos contentemos”. A falta de pontos de luz é outra preocupação de quem precisa atravessar a via. “As travessias são perigosas à noite, pois estão na escuridão da Avenida Brasil. Na Passarela 11 já tentaram me roubar”, conta **Flávio Alves**, morador do Parque Maré. Na área de cobertura da 21ª Delegacia Policial (que além da Maré, abrange Bonsucesso, Higienópolis, Manguinhos e partes de Ramos e Benfica), somente nos cinco primeiros dias de agosto foram registrados 75 roubos de celulares. Desse total, 42 ocorrências, ou seja 56%, foram efetuadas na Avenida Brasil, no trecho da Maré.

Nem as de alvenaria escapam dos problemas

“Aqui na Passarela 9, as grades de proteção só servem para pegar a roupa e machucar”, essa reclamação de **Wanderlei Lima**, morador da Nova Holanda, também foi feita por vários pedestres. Na passarela no BRT Transcario-

ca, próximo à estação Maré, dois são os dilemas dos usuários: o primeiro é um grande buraco em pleno piso. O segundo refere-se à acessibilidade para chegar à Clínica da Família Diniz Batista dos Santos. “Todos reclamam dos degraus. Já vi idoso passar mal, e cheguei a socorrer um. Para uma mãe chegar com seu filho cadeirante à clínica da família, ela desce com ele no colo, deixa comigo, depois sobe para pegar a cadeira de rodas.

Como ficam as passarelas?


A Assessoria de Imprensa do **Departamento Nacional de Infraestrutura de Transportes** (DNIT) declarou que a

Avenida Brasil é uma Rodovia Federal (BR-101/BR-116/BR-040), cuja operação e manutenção estão a cargo da Prefeitura da Cidade do Rio de Janeiro, por força de Convênio.


A **Secretaria Municipal de Infraestrutura e Habitação** garantiu que todas elas são seguras e vão permanecer provisórias até a finalização da obra do BRT Transbrasil, quando serão substituídas pelas definitivas de alvenaria, com acessibilidade para pessoas com necessidades especiais. O órgão municipal revelou que as passarelas do Conjunto Esperança e da Praia de Ramos serão vistoriadas. Sobre a Passarela 6, explicou que será restaurada.

NA BOCA DO MORADOR


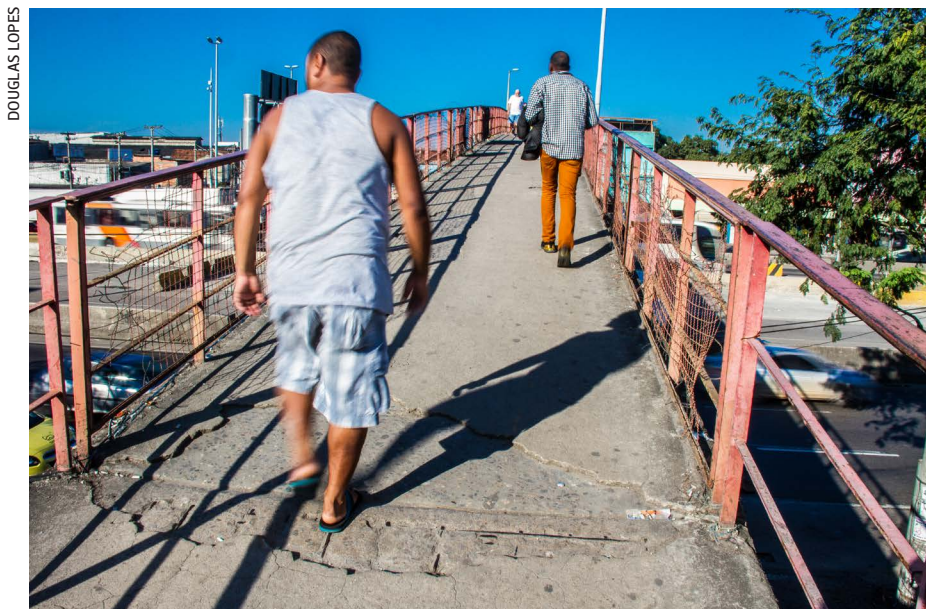
“A Passarela 12 em dia de chuva fica escorregadia. Outro problema também atinge a Passarela 13, pois são as motos que disputam espaço com a gente”. **Berenice Vieira**, professora na Praia de Ramos.



“Eu quase levei um tombo, num dos tapetes que descolaram. Se até as feitas de cimento como a do BRT Maré têm buraco, imagine esta de ferro e madeira!”. **Andreia Santos**, que trabalha na Praia de Ramos.



“Horrível, em especial à noite, não se enxerga nada, o resultado são assaltos a pedestres e carros. Estamos abandonados. Com o breu, até a tampa do bueiro levaram. Essa Passarela 12 matou o comércio, além de ser um perigo com fios [elétricos] próximos”. **Diomir Nogueira**, comerciante na Praia de Ramos.

Apesar dos riscos provocados pela má conservação, moradores não têm outra saída a não ser usá-las

DOUGLAS LOPES

Ir e vir, uma batalha diária

Para trabalhar ou se divertir, os moradores da Maré enfrentam dificuldades para se locomoverem

MARIA MORGANTI

Por volta das 5h45 da manhã, o despertador toca na casa de **Célia Silva**, moradora do Parque União. Às 6h30, ela precisa estar com os pés na rua se quiser ir para o trabalho, em Ipanema, sentada em um dos ônibus da linha 483. Se chegar um pouco mais tarde na fila – que é grande – para pegar o ônibus, corre o risco de fazer a viagem em pé. De qualquer jeito, vai em um ônibus quebrado, velho e sem ar-condicionado. Se tiver chovendo, tudo piora. Para ninguém ficar encharcado, a janela precisa ser fechada. Não importa a quantidade de pessoas que estiverem amontoadas. Pra ficarem secos, precisam suportar o calor. A volta é ainda mais sacrificante: Célia precisa pegar dois ônibus. “Infelizmente é muito precário. Horrível. É uma batalha todos os dias, essa guerra aí”, desabafa a empregada doméstica que faz esse percurso cinco dias por semana, há nove anos.

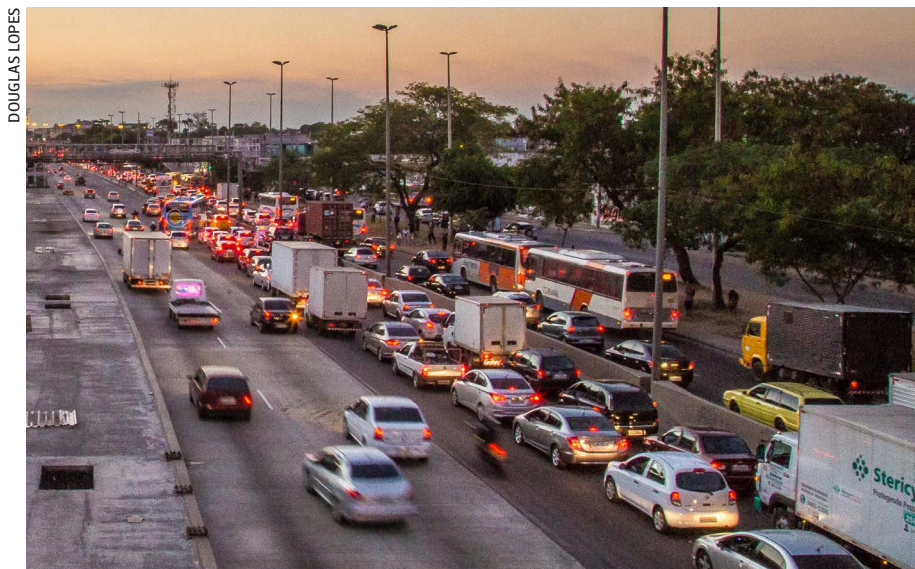
E nos fins de semana? “Fazer coisas perto de casa, que não precise pegar ônibus. A gente ainda tem uma vantagem que, aqui, na Maré, tem dança, teatro, vários programas. Tem vários projetos que ajudam nesse quesito, mas coisas fora da Maré são complicadas para ir. Ainda mais por causa da passagem, porque do jeito que o País está, a gente não está tendo nem condição de manter nossa comida, que dirá passeios assim, com passagem! Infelizmente a gente deixa de sair da Maré por causa do transporte pú-

blico”, afirma **Antônio Ferreira**, estudante de 17 anos e morador da Nova Holanda.

A realidade de muitos

A realidade de Célia e Antônio não é muito diferente dos outros quase 140 mil moradores do conjunto de favelas da Maré. Para 40% dessa população, a locomoção na cidade é considerada uma questão muito importante no seu dia a dia, segundo a pesquisa “1ª Amostra sobre Mobilidade Urbana na Maré”, realizada em 2014, fruto da parceria entre a Redes da Maré, o Observatório de Favelas e o Centro para Excelência e Inovação na Indústria Automóvel. Dos que responderam que ir e vir é uma questão “muito importante”, mais de 40% justificam que é por causa do deslocamento para trabalhar; e 16% atribuem a afirmação à necessidade, hábito ou direito de circular na cidade, ou de se deslocar para outros lugares.

Das pessoas que responderam que é pouco importante ou sem importância a locomoção na cidade no dia a dia, a maioria afirmou que o motivo da resposta é por não ter o costume de sair de casa ou da Maré. E desse total de pessoas que saem da Maré, quase 50% respondem que é só para ir trabalhar. Segundo o professor e especialista em mobilidade urbana do Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (IPPUR/UFRJ), **Mauro Kleiman**, apesar de



Trânsito intenso e ônibus cheios são alguns dos percalços enfrentados pelos mareenses

o Rio de Janeiro ter vários modais presentes, não existe um planejamento que os integre e garanta o direito de mobilidade. “No Rio de Janeiro, especificamente, você tem todos os modais presentes: trens, metrô, barcas, VLT, ônibus, vans, mototáxis. Apesar disso, não existe nenhum planejamento de integração entre eles e muito menos uma integração entre transportes e uma política de território, de planejamento”.

Haja sola de sapato

Com área de 4,3 km² e com mais de 5 km de extensão, correspondendo a quase 10% do total de uma das vias mais importantes da cidade, a Avenida Brasil, o bairro Maré pode ser considerado um exemplo dessa “falta de planejamento”. “A gente anda muito, ainda mais porque a gente não tem transporte. Os transportes que têm são vans e Kombis. Ônibus, nem pensar”, conta **Adriana Ferreira**, que mora na favela Marcílio Dias

e trabalha na Academia Luta Pela Paz, na Nova Holanda. Atualmente, não existe nenhuma linha de ônibus regular que garanta aos moradores o acesso ao direito de ir e vir entre as 16 favelas da Maré. Outros ônibus que faziam o trajeto daqui para fora da Maré, como as linhas 330 da Empresa Ideal (com o percurso do Castelo, no Centro, até o Parque União), só passam na Maré uma vez ao dia. A maioria não existe mais, como o 320 - Praça XV / Parque União, 955 e 957, que faziam Maré/Alvorada, o 405, de Ramos ao Cosme Velho, e o 452, que saía da Maré com destino à Copacabana. Perguntada sobre o motivo da extinção das linhas, a Secretaria Municipal de Transporte afirmou que “as linhas 442 (Maré x Copacabana - via Santo Cristo), 443 (Maré x Leblon - via Central) e 444 (Maré x Copacabana - via Santa Bárbara) saem da Maré. Apenas a 442 e a 955 estão ativas. A linha 431C é intermunicipal. As demais não constam na

relação de linhas ativas da SMTR”.

“Por motivo de segurança”

Quem pode e tenta pegar um táxi ou um *Uber* para sair de casa ou voltar para a favela, pode ouvir do motorista: “não entro em favela”. A Central 1746 de Atendimento ao Cidadão recebeu, no período de janeiro de 2017 a julho de 2018, o total de 879 solicitações e reclamações sobre táxis na cidade. Apesar de ser uma concessão pública, o que na teoria deveria garantir o acesso desse tipo de transporte à favela, segundo a Secretaria Municipal de Transportes eles “não têm normas que recomendem tráfego em comunidades. Os passageiros/usuários de táxi e aplicativos têm o direito de escolher que rota seguir. Lembrando que violência nas vias é questão de segurança pública”.

Ana Clara Alves, 19 anos, é moradora do Morro do Timbau e, num sábado à noite, pediu um *Uber* para transportá-la com a família. Ela estava na cabine policial da Linha Amarela, na altura da Passarela do Pinheiro e queria ir para a Praça do Parque União. O motorista da empresa mandou, pelo *chat* disponível do aplicativo, a seguinte mensagem: “Boa noite, qual destino?” Após a estudante responder, ele cancelou a viagem. Na segunda tentativa, o motorista, pelo mesmo *chat*, perguntou para

onde Ana ia, “por questões de segurança”. Ela respondeu, “o senhor não vai entrar na favela”. A mensagem foi notificada como “lida”, mas o motorista não respondeu, a família da Ana não conseguiu embarcar e, segundo ela, ele nem cancelou a viagem. “Não foi a primeira vez”, desabafa a estudante de jornalismo. Entramos em contato com a assessoria de imprensa da empresa *Uber*, mas não obtivemos resposta.

Mototáxi que salva

Alguns carros particulares como o “*Uber Maré*” e outros transportes executivos prestam esse serviço na favela (ver box). No dia 24 de setembro, é comemorado o dia nacional de um dos meios de transporte mais usados em favelas de toda a cidade: o mototáxi. Segundo descrito no Projeto da Lei, sancionado em 2007, “no Brasil, em menos de 10 anos de existência, a atividade de mototáxi, exercida predominantemente por jovens, consolidou-se nos mais diversos centros urbanos de todo o País, em especial nas regiões menos assistidas pelo poder público, constituindo uma realidade irreversível no transporte de passageiros. No contexto do desenvolvimento social, no qual se conjugam a pobreza e a possibilidade de remuneração, o mototáxi se configura como uma realidade de mercado para as comunidades mais

pobres, contribuindo para a superação da vulnerabilidade de deslocamento”.

No Rio, o Decreto que regulamentou o serviço de transporte de passageiros por moto, o trabalho de mototaxista, foi assinado em março deste ano, e estabeleceu que para exercer a profissão é obrigatório ter mais de 21 anos e habilitação da Categoria A. **Luan Farias**, “cria” da Maré e mototaxista há 11 anos, confessa que não sabia do dia dedicado à sua profissão. Atualmente, trabalha no ponto da Passarela 7, na Escola Bahia, e conta que leva por dia cerca de sete pessoas durante as 8 horas de trabalho que cumpre diariamente. Perguntado se ao longo desses anos alguma história o marcou, Luan diz que são tantas, que nem consegue lembrar. “São tantas que, pra eu lembrar aqui, acho até difícil”. Se gosta da profissão? “Sim, claro que eu gosto. É o que me sustenta, né? A credibilidade de comprar minhas coisas, não depender de ninguém, só eu trabalhar. E me ajuda em tudo, já comprei uma casa, já comprei carro, comprei moto”.

É seu direito!

Sabia que, por ser uma concessão pública, táxis e *Uber* têm a obrigação de ir onde o passageiro escolher? Se o motorista não quiser ir até onde você mora, reclame! O número para notificações é **1746**.

JÉSSICA PIRES



Mototaxista Luan Farias: há 11 anos auxiliando os moradores a se deslocarem pela cidade

TRANSPORTES EXECUTIVOS NA MARÉ



Transporte executivo – Joquiçan

- ☎(21) 98781-6363
- ☎(21) 97020-3696

Uber Maré
(Eventos, passeios, rodoviárias, aeroportos, trajetos curtos e longos)

- ☎(21) 3420-9595
- ☎(21) 9714-13173
- ☎(21) 97474-1068
- ☎(21) 99671-3871 (Allan)
- ☎(21) 97950-9242 (Edvaldo)
- ☎(21) 99692-6532 (Ponto do PU)

Táxi
(Ponto na Vila do João aos finais de semana)

- ☎(21) 98787-6632 (Patricia)

Driblando a crise com criatividade

Outras possibilidades de renda são criadas para enfrentar a crise

HÉLIO EUCLIDES

O termo “empreendedorismo” se refere à busca de novas oportunidades por meio da inovação e da autonomia. A definição de empreendedorismo pressupõe colocar em prática uma ideia nova, oferecendo uma maneira criativa de fazer algo que já existe. Para isso é necessário pensar, planejar, organizar o plano de negócio e, claro, formalizá-lo.

Segundo **Carol Machado**, consultora do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), existem duas formas de se tornar microempreendedor. “Para quem não precisa emitir Nota Fiscal, é só entrar no Portal do Microempreendedor, fazer o Cadastro Nacional de Pessoal Jurídica (CNPJ), emitir o Documento de Arrecadação do Simples Nacional (DAS) para pagamento mensal e fazer a declaração de morador de favela, que fica isento de impostos. Já para quem necessita da Nota, primeiro é preciso entrar no Portal da Prefeitura, o Nota Carioca Digital, fazer a consulta sobre o local, e verificar se é viável a atividade no endereço. Se a Prefeitura aprovar, faz-se o CNPJ e emite-se os DAS. Depois gera-se o alvará definitivo, no Nota Carioca Digital. Deve-se também solicitar no mesmo *site*, pela inscrição municipal, a concessão da Nota. Qual-



Cristian Gomes, dono da Chocorela: capital inicial de R\$ 90 e criação de um grupo de Whatsapp para trocar ideias com outros empreendedores

quer dúvida é só procurar o Sebrae Maré”, lembra a consultora.

Segundo o Portal do Empreendedor, mais de sete milhões de pessoas já pertencem à categoria Microempreendedor Individual (MEI). O número de MEIs no País cresceu 14,4% em fevereiro de 2018 na comparação com o mesmo mês do ano passado, aponta pesquisa da empresa de consultoria Sersa Experian. O aumento do número de MEIs também está ligado ao crescimento do desemprego no Brasil e à falta de oportunidades, em especial para os jovens que procuram o primeiro emprego, ou para aqueles que já passaram dos 50 anos de idade.

Para que o empreendedor não tenha prejuízo, é

necessário também elaborar um plano de negócio, para planejar os passos que devem ser dados para que os objetivos sejam alcançados, diminuindo os riscos e as incertezas. “Resumidamente, pode-se dizer que o planejamento procura responder três questões principais: Onde estamos? Para onde queremos ir? Como chegar lá? Para tanto, faz-se necessário seguir uma linha de orientação do trabalho: análise do cenário, definição de objetivos, definição de estratégias e elaboração de um programa de ações”, enfatiza Carol.

A visão de empreendedor: enxergar uma oportunidade para abrir o próprio negócio é o desejo de muitos

Alzira Ramos, de 60 anos, ficou desempregada. Resolveu fazer bolos e vender fatias no botequim ao lado da casa. De uma história de superação, nasceu no ano de 2008 a primeira loja da Fábrica de Bolo Vó Alzira, no bairro da Tijuca. Esse início de trajetória reflete a experiência de muitas pessoas que, ao perder o emprego, se transformam em empreendedoras.

Com dificuldades na aposentadoria, **Neuza Josefa**, de 61 anos, é conhecida como a Tia do *brownie*. Ela vende *brownie* e bolo de pote pelas ruas e instituições da Nova Holanda. A Naná Doces acabou virando um negócio da família. A nora de Neuza, **Aline de Oliveira**, é quem bota a mão na mas-

sa. “A minha filha Geovana faz a planilha, com entrada, saída e fluxo de caixa. Minha sogra assumiu a função da venda, algo que ajuda na nossa renda”, afirma Aline.

Muitos trabalhadores não se veem como empreendedores, como é o caso de **Virginia Lúcia**, de 39 anos. “Não sei se sou empreendedora, mas procuro aprender para crescer, e lutar por uma vida melhor”, diz. Ela trabalhou em pensão e tinha o desejo de trabalhar por conta própria. Então veio a ideia de trabalhar com um carrinho de bolos e salgados pelas ruas da Nova Holanda. Ela sobrevive dos seus quitutes, paga dois alugueis, da casa e da loja onde prepara os lanches, que ela chama de minifábrica. “Meu sonho é ter uma ‘empadaria’, que fabrica empadas e bolos”, conta.

A criatividade é a palavra de ordem

No momento mais difícil de sua vida, **David Portes** descobriu que podia ser empreendedor. Em 1986, sem emprego, sem casa, pediu emprestado o equivalente a R\$ 12,00, seguiu seu instinto e arriscou: deixou de comprar remédios para a esposa, que estava grávida, para adquirir alguns doces para revenda. Em menos de uma hora nas calçadas do Centro do Rio, ele já tinha arrecadado o dobro do que havia investido. Resolveu se estabelecer no local como camelô. Hoje, faz sucesso com sua história de superação, dan-

do palestras ao redor do mundo.

Cristian Gomes, de 20 anos, relembra a história de David. Cristian começou fazendo cursos profissionalizantes de administração e, na época, trabalhava na pizzaria da tia. “Ela me deu a sugestão de abrir um negócio próprio. Tentei várias coisas, ter um negócio é muito complexo. Pensei em doces, mas faltava conhecimento, alguém para me guiar. Em 2006, no pré-vestibular tive outra visão de mundo. Então, fui estudar, seguir uma trajetória”, detalha.

Seu único capital era R\$ 90,00, que tinha reservado para quitar uma dívida. “O que me fez mudar de ideia foi ver no *Facebook* uma página de cone de chocolate. Isso ficou martelando na minha cabeça. Assim nascia os cones *Chocorela*, o nome que mistura chocolate com muçarela, queijo que Cristian tanto manuseou na pizzaria onde trabalhava. Três lojas adotaram o produto e mais cinco parceiros venderam aos amigos. “Um passo foi um curso no Sebrae, para ter um olhar profissional. Penso numa faculdade para me qualificar ainda mais”, destaca. O preço de cada cone é R\$ 5,00.

Uma rede de conhecimentos

Para obter sucesso no empreendedorismo é vital uma rede de contatos. Cristian criou um grupo no *WhatsApp*. “São empreendedores, que trocam ideias, e um ajuda o outro. Nem todos sabem lidar com o empreendedo-

rismo. Uma pena que não tenho tanto tempo para assessorar. A pessoa começa o negócio e desiste por não obter resultados sólidos em curto prazo”, acrescenta.

No futuro, ele deseja ter um canal no *YouTube* que possa ajudar na vivência dos empreendedores. “Falar das questões, pois há pessoas que nem sabem que têm cursos gratuitos, que não há procura”, revela. Uma das pessoas que participam dessas trocas de ideias é uma amiga formada em Administração. Ela acrescenta o teórico e Cristian, a prática, uma via de mão dupla. “Também faço consultoria na Unisuum, são vários projetos locais, durante o ano. Lá, aprendo sobre gestão e planejamento. Tem pessoas da comunidade que têm medo de ser empreendedor. O conselho é insistir e tentar entender o negócio”, enfatiza.

Onde encontrar ajuda

A Coordenação Comunidade Sebrae atua nas favelas para apoiar pequenos negócios, oferecendo os seguintes serviços: orientações sobre a formalização e como se tornar um MEI; indicações sobre a obtenção de alvará e nota fiscal; oficinas e cursos sobre gestão. Há ainda calendários de capacitações, com cursos, oficinas e palestras sobre gestão de negócios. O Sebrae Maré funciona às segundas e às terças, das 10 às 16h, na sede da Redes da Maré. O Sebrae Maré oferece as seguintes capacitações: “Como atrair, conquistar e manter clien-

tes” (25 de setembro, às 14h); “Sua empresa no *Facebook*” (30 de outubro, às 14h) e “Preparando-se para o Natal” (27 de novembro, às 14h).

A Luta pela Paz, em parceria com a Aliança Empreendedora, oferece um curso intensivo voltado para jovens entre 18 e 35 anos, com sete encontros. O conteúdo programático busca oferecer aos empreendedores algumas ferramentas de gerenciamento de negócio, inovação e gestão. O objetivo é a formação de 100 empreendedores, com valorização da vivência, conhecimento e rede de contatos. Inscrições e informações na Rua Teixeira Ribeiro, 900, Nova Holanda, ou pelo *e-mail*: marcos@lutapelapaz.org.

A Unisuum oferece o programa de Pré-aceleração, uma iniciativa do Pólen - Polo de Inovação e Empreendedorismo. A próxima etapa consiste no processo de entrevistas, em que são selecionados os empreendedores participantes da Pré-aceleração, que ocorre durante seis meses. No programa, os empreendedores, por meio dos módulos ministrados, recebem instruções de como construir e consolidar um negócio. Eles aprendem sobre: Canvas (ferramenta de planejamento estratégico), modelagem de negócio, *marketing*, gestão financeira, análise de risco, estudos de mercado, entre outros assuntos. Mais informações podem ser obtidas na Diretoria de Inovação & Novos Negócios  (tel.: 99726-1277).

Mais um dia de medo e tensão na Maré

Operação policial, mais uma vez, é marcada por ilegalidade e violação de direitos

ELIANE SALLES

O dia 20 de agosto de 2018 entrará para a extensa lista de incursões policiais, caracterizadas por truculência, ilegalidade e homicídios, nas favelas cariocas. E, mais uma vez, a favela da Maré esteve no olho do furacão. Foram 14 horas ininterruptas de ação.

Por volta de 1 hora da madrugada, as Forças Armadas cercaram a comunidade, formando um cinturão na Avenida Brasil. Fogos de artifício e tiros foram disparados. Naquele momento, acontecia, no Parque União, o tradicional pagode do grupo Fundamental, que reúne todos os domingos mais de mil jovens. Houve pânico e correria. Em meio ao tumulto, muitas pessoas se feriram. Era só o começo de mais um dia de terror na Maré.

Às 5 horas, o que era previsto se confirmou: a Polícia Militar entrou nas favelas Nova Holanda, Parque Maré, Rubens Vaz e Parque União.

Não se sabe, até o momento, quantos policiais foram deslocados para essas comunidades. De acordo com o Comando Militar Leste, cerca de 4,2 mil homens - das Forças Armadas e das Polícias Militar e Civil - participaram da operação, deflagrada também na Penha e no Alemão. Não se sabe quantos foram deslocados para a Maré, mas é consenso que não foram poucos.

A equipe de plantão da Maré de Direitos recebeu, ao longo do dia, várias denúncias de violação de direitos, entre elas, o arrombamento de um carro e a invasão de duas casas, uma no Parque Maré e outra na Nova Holanda. Em ambas, a polícia não tinha mandado de busca e apreensão e deixou rastros de destruição, danificando móveis e eletrodomésticos. Na Nova Holanda, chegaram a arremessar o cachorro da casa, um *poodle*, do 3º andar. O animal sobreviveu.

Tiros a esmo e homicídio

Por volta das 18h, duas motoristas recorreram à Maré de Direitos. Precisavam que a equipe de plantão fosse à Favela da Galinha (Nova Holanda), onde quatro jovens estariam sendo torturados. Lá chegando, a equipe encontrou um grupo de 50 pessoas, a maioria mulheres, que discutiam com um policial. Eram cidadãos que exerciam o seu direito de acompanhar uma abordagem policial. A equipe da Maré de Direitos, imediatamente, começou a mediar o conflito, conversando com o policial que estava de guarda, impedindo a entrada das pessoas no beco. “Comecei a conversar com o policial. E fiquei impressionada. Ele estava tão nervoso que não conseguia articular as palavras. Em determinado momento, ele disse: ‘a gente tá aqui desde às 4 horas da madrugada, de pé, sem comer, sem ir no banheiro, e essa gente vem aqui pra fazer tumulto. Como é que você quer que eu tenha calma?’”, conta **Lidiane Malaquini**, coordenadora do Direito à Segurança Pública e Acesso à Justiça.

Durante a conversa, alguns policiais saem do beco carregando um corpo, envolto em um cobertor. Não havia dúvidas: um dos jovens morrerá. O grupo começou a gritar. Uma jovem tentou se aproximar do corpo. Foi o estopim. Um policial apontou seu fuzil para o grupo e outro disparou tiros a esmo. O grupo se dispersou. Pouco se sabe sobre o rapaz, inclusive sobre sua morte. O que se sabe, apenas, é que seu corpo foi retirado da cena do

assassinato antes que a perícia pudesse ser feita.

Defensoria Pública vai à Maré

No dia seguinte à operação, a Redes da Maré e outras organizações acompanharam representantes da Defensoria Pública do Estado em uma incursão pelos pontos críticos da ação. A Defensoria integra o Circuito Favelas por Direito, um conjunto de organizações da sociedade civil e instituições públicas que se mobilizam para ir aos territórios impactados pelas operações e promoverem uma escuta qualificada dos moradores. O objetivo é coletar informações de violações de direitos para produzir relatórios unificados das operações e, assim, monitorar as violações no contexto da intervenção militar.

Repercussão nacional

Reportagens publicadas pelo *Maré Online* (<http://redesdamare.org.br/mareonline>) e *posts* no *Facebook* e no *Twitter* da Redes repercutiram na imprensa nacional. Colunas de jornalistas prestigiados e veículos de grande acesso, como os *sites* dos jornais O Globo, O Dia e o JB, entre outros, reproduziram as denúncias feitas pela Redes da Maré. Não é esse tipo de notícia que a Redes gosta de divulgar sobre um território tão rico em cultura, costumes e talentos, mas naquela semana, mais uma vez, se fez necessário denunciar para o Rio de Janeiro e para o Brasil o terror frequentemente imposto às nossas favelas.



Carro arrombado: mais uma evidência de violação de direitos na favela Nova Holanda

Cada vez mais visíveis

Para celebrar, com certo atraso, O Dia da Visibilidade Lésbica, convidamos moradoras da Maré para falarem da sua luta como lésbicas e faveladas

ELIANE SALLES

Os avanços sociais, científicos, de pensamento e de costumes não ocorrem, infelizmente, no mesmo ritmo que as necessidades individuais e coletivas exigem. Mas, apesar de caminharem lentamente, eles vão se dando. O Dia Nacional da Visibilidade Lésbica, celebrado em 29 de agosto, é um desses passos adiante. Pode parecer algo pequeno (a data é pouca conhecida e menos ainda celebrada), mas sua instituição abre caminhos e reforça a esperança de dias mais fáceis para as milhões de lésbicas brasileiras – afinal, defender a visibilidade é defender o direito de existirem, de serem respeitadas e terem reconhecidas suas necessidades, afetividades e particularidades.

Ser lésbica na favela é...

Embora o Dia da Visibilidade Lésbica já tenha ocorrido, o Maré de Notícias convidou três mulheres lésbicas para compartilharem com os nossos leitores sua experiência em vivenciar sua orientação sexual no bairro em que foram criadas. Confira:



“Acho que o ser lésbica na favela é como ser lésbica em qualquer lugar, o que muda um pouco é o que é ser lésbica de favela. Começando pela lésbica de favela que não tem passabilidade*, ser "taxada" de lésbica favelada, mesmo sendo bem-educada ou coisas desse tipo, mesmo sabendo que ser favelada não é ruim ou errado, é complicado. A posição financeira da lésbica de favela implica círculos de amizade, o que ela faz pra se manter é uma pergunta muito recorrente. Quanto menos passabilidade ela tem, menos trabalho ela consegue. Aí tem de se colocar no mercado de favela, que são serviços como mototaxista, entregadora, assistente de obra. Eu, inclusive, sou mototaxista apesar de ser uma sapatão com passabilidade”. **Carol Caldas**, 25 anos, *cake designer* e mototaxista, nascida e criada na Maré.



“Ser lésbica na favela deve ser bem parecido como ser lésbica numa cidade de interior, onde todo mundo se conhece. A maioria das pessoas onde moro, no Sem Terra (Parque União), me conhece e conhece minha família. Senti minha sexualidade muito comentada tanto que, quando fui me assumir para minha mãe, ela nem se espantou, já que os comentários sobre eu beijar meninas rolavam pela rua há muito tempo. Uma das dificuldades que enfrento como lésbica de favela é a falta de órgãos públicos atuantes no lugar onde moro, pois se sofro lesbofobia*, não tenho a quem recorrer, já que o poder público não atua aqui, fora a negligência na [área] da Saúde. Mal consigo uma consulta com ginecologista e não tenho com quem tirar dúvidas sobre as IST* que podem ser transmitidas com o sexo lésbico e como me proteger”. **Joana Dark**, nascida em Itapetim (Pernambuco), chegou à Maré (onde vive até hoje) aos 8 anos. Tem 24 anos e é terapeuta holística.



“Acredito que em toda a sociedade há uma naturalização de diversos tipos de violência contra lésbicas, mas na favela isso, infelizmente, parece pior. Não conheço nenhuma sapatão de favela que não tenha sofrido violência (verbal, psicológica e, às vezes, até física) de familiares, vizinhos, etc., pela condição de ser mulher lésbica. Eu somente entendi que era lésbica com 16 anos. Mas antes disso as pessoas do meu convívio já tinham entendido e me rotulado a partir das brincadeiras que eu gostava (futebol, bola de gude, pipa, peão, etc.). Tenho amigas que adoravam todas essas brincadeiras e hoje são heterossexuais... Já sofri preconceito de vários tipos. Quando se é mulher negra lésbica favelada – sem vírgula – a gente mal sabe diferenciar qual tipo de ataque está sofrendo”. **Kamilla Valentim**, 24 anos, estudante de Psicologia (UERJ).

O QUE QUER DIZER:

✔ **IST:** Infecções Sexualmente Transmissíveis.

✔ **Lesbofobia:** aversão, violência, discriminação às mulheres lésbicas devido à orientação afetivo-sexual.

✔ **Passabilidade:** possibilidade de “passar” pelos espaços sem ter sua sexualidade e orientação sexual questionadas. Exemplo: lésbicas com biótipo e comportamento feminino convencionais têm mais passabilidade que as lésbicas que usam roupas masculinas.

ENDEREÇOS E TELEFONES ÚTEIS:

Alguns telefones e endereços eletrônicos nos quais é possível obter informações e ajuda em casos de discriminação, violência, necessidade de acolhimento e de saúde:

Grupo Conexão G de Cidadania LGBT de Favelas

📍 Rua Sargento Silva Nunes, Nova Holanda

☎ (21) 3105-5531

📱 /GrupoConexaoG (responde em algumas horas)

Coletivo Resistência Lesbi de Favelas

📱 /resistencialesbicadefavela

Grupo de Mulheres Felipa de Sousa

☎ (21) 2210-2870 / (21) 9342-3004

📱 /Grupo-de-Mulheres-Felipa-de-Sousa

✉ felipadesousarj@yahoo.com.br

Coletiva Sapa Roxa

📱 /saparoxa

Disque-Saúde:

☎ 0800 61 1997

Central de Atendimento à Mulher:

☎ 180

Da Maré para Paraty

Escritor lança primeiro livro e participa do mais renomado evento literário do País

HÉLIO EUCLIDES

Matheus de Araújo, de 20 anos, além de ser estudante de letras da UFRJ, é escritor e poeta. Morador do Rubens Vaz, ele sempre faz questão de dizer que, desde que nasceu, mora na mesma “bat-rua e no mesmo bat-lugar”. Ele lançou o livro “Maré Cheia”, em fevereiro e, em julho, foi convidado para participar da 16ª Festa Literária Internacional de Paraty (FLIP).

Ele conta que o gosto pela escrita veio na juventude. “Na minha adolescência não gostava nem um pouco de ler. A matéria de que eu mais gostava era Geografia e, no Ensino Médio, a área profissionalizante que escolhi foi mecânica”, relembra. Segundo Matheus, o distanciamento da leitura se deve ao fato de, na adolescência, só conhecer a Literatura Clássica. “Era algo complexo, que não me instigava. Acredito que os professores devem frequentar saraus, para que tenham uma reformulação curricular. Isso aproximaria o aluno da poesia e da leitura”, acredita.

A mudança na sua vida veio quando escrevia para uma menina de quem gostava, no início do Ensino Médio. Era um jovem fechado, mas que, no papel, se soltava e conseguia expor seus sentimentos. Sem saber, já dava os primeiros passos para se tornar um poeta. Para se lapidar, conheceu os saraus e os *Slams*, que são batalhas de poesia. “Em

2016, conheci a poetisa Jenyfer Nascimento, na Vila Autódromo e, no mesmo ano, na Cidade de Deus, a Mel Duarte. E assim me encantei por esse mundo. Outra que me incentivou foi a MC Martina, e senti o desejo de viver da poesia. A poesia delas tem uma linguagem simples, que me aproximou da literatura”, confessa. A partir daí, passou a frequentar batalhas de poesia e se identificou cada vez mais com o meio.

Depois disso, nasce o livro “Maré Cheia”, que foi construído na favela e sobre o cotidiano dela. “Para escrever um livro, é preciso ter uma ideia boa, e muita paciência para superar os empecilhos. A Editora Multifoco confiou no meu trabalho. Em sete meses, após o lançamento no Centro de Artes da Maré, já vendi 200 livros, um bom número para uma época de crise no País”, comemora. Para Matheus, o livro deseja mostrar que a favela não é sinônimo de vida de sofrimento. “Aqui sorrimos e nos divertimos. Meu desejo é que, ao digitar “Maré” na busca da internet, apareça um livro ou uma poesia, e nunca mais a violência”, resume.

O livro traz histórias inspiradas no cotidiano do autor, incluindo a diferença de tratamento que ele recebe dentro e fora da favela. Ele aborda também, em suas poesias, a diversidade, a simplicidade e a esperança das pessoas da Maré. Isso chamou a atenção



Matheus de Araújo: dos saraus e *Slams* à Festa Literária Internacional de Paraty

dos organizadores da FLIP. “Nunca passou pela minha cabeça lançar um livro, muito menos que um dia poderia estar participando da FLIP, em Paraty. Foi importante para mim, minha família e a Maré, até para os ancestrais. Em Paraty, estive ao lado de Elisa Lucinda e de mais 200 pessoas na plateia, foi um orgulho ter participado. Foi o momento mais importante da minha vida, me renovou como escritor. A ficha, até agora, não caiu”, revela. Em Paraty, o escritor ainda declamou em dois *Slams*, e encontrou uma pessoa da Maré - o que fez não se sentir sozinho.

Ao voltar da FLIP, nasceu o anseio de levar para todos os cantos o nome da Maré por meio da poesia. “Antes precisamos ter o desejo de que a nossa favela conheça a poesia. Para isso, estamos construindo o primeiro *Slam* da Maré,

que deve acontecer até dezembro”. Para ele, é preciso lutar pela democracia da leitura, para que todos tenham direito ao conhecimento e à escrita. “Precisamos descobrir a literatura, saber que ela não está morta, que ela vive. Um exemplo é o *funk*, que é uma poesia”, enfatiza.

Matheus entende que todos podem fazer um livro, que às vezes falta é oportunidade, mas que não se pode desistir. Para os fãs, ele garante que já está pensando em novos trabalhos.

Quem desejar conhecer mais o trabalho de Matheus de Araújo é só seguir:

f Facebook: @math.araujo.poesial

📷 Instagram: @math.araujo.poesia

Ou entrar em contato pelo e-mail: nath.araujo.poesia@gmail.com.

CONJUNTO ESPERANÇA

Bar do Grande

Sextas - DJ - 19h
Sábados - Baile *Funk* - 23h
Domingo - Roda de Samba - 19h
Localização - Rua Manoel Ribeiro Vasconcelos, 322

MORRO DO TIMBAU

Dogueria Resenha

Há menos de um ano aberto como um *Food Truck* carioca, especializado em *hot dog* artesanal, já aparece como um dos espaços mais "bombados" do momento, com pelo menos três eventos semanais.
Quando - sextas, sábados e domingos
Horário - a partir das 22h
Localização - Avenida Guilherme Maxwel, 95

NOVA HOLANDA

Baile Funk da NH

Quando - sábados
Horário - a partir das 22h
Localização - Rua Teixeira Ribeiro - alguns eventos acontecem no Campo da Paty

Pagofunk da BT

Abre a semana de eventos na Nova Holanda, e acontece na rua que dá nome à festa.
Quando - quintas
Horário - a partir das 22h
Localização - Rua Bitencourt Sampaio

CAM: Centro de Artes da Maré

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181, NOVA HOLANDA, MARÉ
 TELEFONE: (21) 3105-7265
[facebook.com/centrodeartesdaamare](https://www.facebook.com/centrodeartesdaamare)

04/09 (terça-feira)

Reunião do Maré que Queremos, com presidentes de Associações de Moradores da Maré
Horário - 11h

08, 15 e 22/09 (sábados)

Oficina Básica de Sonorização
Horário - 14 às 17h
 A oficina ministrada por Diogo Nascimento tem por objetivo aproximar o público do trabalho com equipamentos de áudio e mesa de som.

18/09 (terça-feira)

Debate com candidatos a Governador do Rio de Janeiro
Horário - 19h
 Dentro da importante pauta das eleições para o cargo de governador do Estado do Rio de Janeiro, receberemos os candidatos para um debate sobre seus projetos e planos de governo.

21/09 (sexta-feira)

Agora Sei o Chão que Piso - Família
Horário - 20h
 Premiado pelo Edital 3º Outra Parada, e tendo como madrinha a instituição Redes de Desenvolvimento da Maré, o Grupo Atiro, que se desenvolveu em oficinas livres da Cia Marginal, apresenta "Família", parte do espetáculo Agora Sei o Chão que Piso.

28/09 (sexta-feira)

Cine Conceição: 150 BPM
Horário - 19h
 A Mostra "150 BPM" é a quinta ocupação do Cine Conceição, espaço de cinema, debates, acolhimento e encontro no CAM, articulando a força da escritora Conceição Evaristo com as pautas e possibilidades de corpos que são historicamente marginalizados e que se tornam potências e agências de resistência e transformação.

Todas as sextas-feiras

Oficina de Percussão Panderolando
Horário - 18h às 20h
 Propõe a iniciação e experimentação livre dos instrumentos de percussão, por meio do desenvolvimento coletivo, baseado-se em diferentes manifestações artísticas.

TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

NOVA MARÉ

Lona Cultural Municipal Herbert

Vianna
 RUA IVANILDO ALVES, S/Nº, NOVA MARÉ
 TELEFONE: (21) 3105-6815
[facebook.com/lonaculturaldamare](https://www.facebook.com/lonaculturaldamare)

14/09 (sexta-feira)

Favela *Rock Show*
Horário: 21h
 O Favela *Rock Show* é um dos principais eventos da Lona e acontece uma vez por mês, sempre circulando pelas vertentes do *rock underground* do *heavy metal* ao *indie rock*. Além dos três shows que acontecem a cada edição, contamos com DJs, projeções, intervenções artísticas, jogos e rolê de *skate* com *freestyle*.

6, 13, 20, 27/09 (quintas-feiras)

Oficina de Estencil Nata Família e Maré Crew
Horário - 14h às 17h
 A Oficina de Estencil é mediada e conduzida pelo coletivo Nata Família, que trabalha com pinturas de interiores e exteriores, em várias linguagens do cotidiano da periferia. Público-alvo: moradores da Maré com idade a partir dos 12 anos

Todos os sábados

Oficina de Stilleto (Maré Sobre Saltos)
Horário - 11h às 13h
 A partir de 14 anos

Aos sábados

Oficina de percussão Panderolando
Horário - 15h às 17h30

Segunda a sexta

Projeto Nenhum a Menos:
 - Complementação Pedagógica
 - Iniciação Musical
 - Letramento
 - Robótica
 - Contação de histórias
 Faixa etária 8 a 12 anos
Horário - 15h às 18h

Cine Clube Rabiola

Acontece **todas as quintas-feiras** do mês
Horário - 17h

Todas as sextas-feiras

Oficina de Percussão Panderolando
Horário - 15h30 às 17h30

De junho a dezembro

Oficina de Estencil
Horário: 14h às 17h
 O Coletivo Nata Família, traz uma formação por meio de várias linguagens do cotidiano da periferia e favela junto aos seus alunos, que integram o Coletivo Maré Crew.

TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

PARQUE MARÉ

Baile Charme da Teixeira

Quando - domingos
Horário - a partir das 20h
Localização - Rua Teixeira Ribeiro 563 - na calçada da Loteria

PARQUE UNIÃO

Baile Funk do PU

Quando - sextas
Horário - a partir das 23h
Localização - Rua Ari Leão

Roda Cultural do Parque União

Hip hop, trazendo sempre atrações musicais e batalhas de MCs.
Quando - sextas
Horário - 18h
Localização - Rampa de *Skate*, no final da Rua Ari Leão

Baile Retrô

Baile *funk* da antiga e charme.
Quando - domingo
Horário - a partir das 23h
Localização - Rua Roberto da Silveira

Praça do Parque União

O forró da Praça é um evento consagrado e que já trouxe grandes bandas para o local, com o apoio principalmente dos comerciantes do entorno.
Quando - domingos
Horário - a partir das 22h
Localização - após a Passarela 10, antes da entrada da Ilha

BBBar

Tradicional *Pagofunk* já famoso na Maré e fora dela.
Quando - sábados
Horário - a partir das 22h
Localização - Rua Larga

PRAIA DE RAMOS

Pagode do Litrão

Pagofunk sempre com uma atração do *funk* e do pagode.
Quando - sextas
Horário - a partir das 23h
Localização - Piscinão de Ramos - Passarela 13

SALSA E MERENGUE

Pagode da C11

Um dos eventos mais tradicionais de *funk* e pagode da Maré.
Quando - sextas e domingos
Horário - a partir das 22h
Localização - Via C11

VILA DO JOÃO

Baile da VJ

Quando - sábados
Horário - a partir das 23h
Localização - Rua Quatorze e alguns eventos especiais na Quadra da Vila do João

Estrela da Vila

Barzinho com boa música ao vivo
Quando - quinta a domingo
Horário - 20h
Localização - Rua Quatorze, 322

Quadra da Vila do João

Festa em comemoração ao segundo aniversário da torcida organizada Paixão Fla Maré, uma Maré de apaixonados pelo Flamengo.
Quando - 07/09 (sexta-feira)
Horário - 14 às 22h
Preço do abadá: R\$ 60,00

VILA DOS PINHEIROS

Tabacaria Dread Locks

Shows de bandas do cenário alternativo do *rock*, *reggae*, *rap* e eletrônico. O local tem frequentadores assíduos que colocam músicas para tocar a noite toda, numa *playlist* colaborativa.
Quando - sextas e sábados
Horário - a partir das 20h
Localização - Via B9 - em frente ao bloco 1

ACOMPANHE O TRABALHO DA SUA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES

PRAIA DE RAMOS E ROQUETE PINTO

Telefone: 3104-5069

Presidente: Cristiano Anselmo

A Associação funciona de segunda a sexta, das 9h às 17h, na Rua Ouricuri, 135, Parque Roquete Pinto.

CONJUNTO PINHEIRO

Telefone: 3104-7183

Presidente: Eunice Cunha

A Associação informa que muitos gatos estão sendo abandonados na comunidade e pede a quem se interessar em adotá-los que entre em contato com Eunice ou Maria Cristina, pelo telefone da Associação.

MARCÍLIO DIAS

Telefones: 2584-4534 e 2584-4527

Presidente: Jupira dos Santos

A Associação de Moradores informa que se reuniu com o prefeito para cobrar providências em relação às obras do beco Jardim América, das revitalizações nas praças, de conserto da ciclovia e de outras promessas de campanha eleitoral.

VILA DO PINHEIRO / SALSA E MERENGUE

O Conselho de Moradores da Vila do Pinheiro (Comovipi) fica na Via A1, em frente ao CIEP Gustavo Capanema, e funciona de segunda a sexta-feira, das 9h às 17h.

VILA DO JOÃO

Telefone: 3109-3143

Presidente: Índio (Valtemir Messias)

A Associação informa que a Comlurb está realizando uma grande limpeza na comunidade, que inclui os bueiros. A Associação comunica, ainda, que oferece atendimento sociojurídico em parceria com o projeto Maré de Direitos.

PARQUE ECOLÓGICO

Telefones: 3104-8950 e 3109-2576

Presidente: Cláudia Santana

A Associação comemora a limpeza do Parque e o destacamento de uma equipe de garis que ficará responsável por limpar o lugar.

MORRO DO TIMBAU

Presidente: Caco (Glaucos Santos)

A Associação de Moradores fica na Rua dos Caetés, 131. O atendimento ao público é realizado de segunda a sexta, das 9h às 17h.

NOVA MARÉ

Telefone: 2270-1274

Presidente: Alexandre Ribeiro

A Associação pede para os moradores buscarem o Jornal em sua sede. A Associação está aberta todos os dias, das 9h às 17h.

PARQUE MARÉ

Telefones: 3105-6930 e 3881-6182

Presidente: Vavá

A Associação informa que conseguiu providenciar a contenção do vazamento de água da Avenida Brasil em frente ao Vianense e que cerca de 820 pessoas fizeram documentos pela Associação. Também distribuíram 5 mil sopas e 3 mil estrogonofes. Comunica ainda que houve poda de árvores.

CONJUNTO BENTO RIBEIRO DANTAS

Telefone: 98179-0416

Presidente: Rachel Lellis

A Associação reafirma que segue na luta pela qualidade de vida da nossa comunidade e agradece a todos que participaram da 8ª Ação de Cidadania, que promoveram.

RUBENS VAZ

Telefones: 3105-7146 e 3104-5388

Presidente: Magá (Vilmar Gomes)

A Associação solicita aos moradores que coloquem o lixo para fora à noite ou de manhã, antes das 7h. A Associação comprou um triciclo motorizado para a retirada de lixo da comunidade.

PARQUE UNIÃO

Telefones: 3882-5510 e 3881-9783

Presidente: Deraldo (Edinaldo dos Santos)

A Associação funciona das 9h às 18h (fecha para almoço das 12h às 13h) e disponibiliza aulas de *jiu-jitsu*, capoeira e *muay thai*, entre outras atividades. A Associação solicita aos moradores que só deixem o seu lixo na rua nos dias em que o carro da Comlurb passa. Pedem também que, ao passearem com cachorros, os moradores levem sacos para recolher as fezes do animal.

CONJUNTO ESPERANÇA

Telefone: 3104-7407

Presidente: Pedro dos Santos

A Associação informa que estão abertas as inscrições para aulas de judô, *jiu-jitsu*, boxe e luta olímpica na escola de luta José Aldo e que iniciaram aulas do curso Orosina Vieira, que prepara para concursos públicos. O foco, desta vez, são os concursos para a Comlurb e para a Guarda Municipal de Niterói.

BAIXA DO SAPATEIRO

Telefone: 2290-1092

Presidente: Charles Gonçalves

A Associação comunica que a Comlurb limpou a Praça do 18 e a comunidade inteira. Além disso, árvores foram podadas em algumas ruas e foi realizada a troca da rede elétrica prevista pela Light.

NOVA HOLANDA

Telefone: 3105-7148

Presidente: Gilmar Gomes

A Associação comunica que continua fornecendo veneno para ratos e pede aos moradores que informem se o beco estiver sujo para que façam a limpeza. A Associação informa, ainda, que retomou as obras da Rua da Conquista e que disponibiliza, em parceria com o projeto "Sorriso para todos", tratamento odontológico a preços populares com avaliação grátis. Às quartas-feiras, também são disponibilizados exames de graça e óculos com descontos. A Associação ainda oferece Ensino Médio, formação de professores e reforço escolar. Para mais informações, ligue para a Associação.